

PARA ALÉM DO USO DOS TEXTOS ESCOLARES: O QUE LIAM OS ESTUDANTES BRASILEIROS NO SÉCULO XIX?

EDUARDO ARRIADA (UFPEL).

Resumo

Durante muitos anos, o estudo e a valorização dos textos escolares foi negligenciado pelos pesquisadores em história da educação. Porém, nos últimos anos, frente aos novos objetos e com uma nova postura – marca da nova história cultural –, os manuais escolares enquanto fonte e objeto de pesquisa ganharam outras abordagens. Sabe-se, conforme estudos desenvolvidos por Choppin, que os manuais escolares, bem como determinados tipos de livros, constituíram-se em componentes fundamentais de determinadas ideologias. Diversos países colocaram em prática procedimentos específicos e porque não dizer coercitivos, para assegurarem o controle dos textos escolares, no intuito de “formar” os jovens. O intuito deste trabalho é ir além da leitura dos textos escolares indicados nos programas de diversas instituições educativas (públicas e privadas), ou seja, investigar também que outras leituras eram realizadas pelos estudantes brasileiros no século XIX. Para isso, o uso de memórias, diários, cartas, catálogos de editoras, anúncios na imprensa, etc., possibilitam-nos reconstituir (ainda que parcialmente) as práticas de leituras dessa época, permitindo uma maior compreensão do que liam efetivamente os estudantes. O século XIX, entre outros aspectos, constituiu-se num período histórico balizado pelo desenvolvimento do parque editorial gráfico, pela consolidação de um sistema de produção e circulação de livros, onde os textos didáticos alcançam certa relevância, fruto de um processo de escolarização no mundo ocidental. Verifica-se no contexto brasileiro, o surgimento de editoras nacionais e, conseqüentemente, uma política gradual de nacionalização do livro. Sob o prisma teórico metodológico o trabalho está alicerçado nas formulações desenvolvidas por: Alain Choppin, Pierre Bourdieu, Roger Chartier, Anne-Marie Chartier, Jean Hébrard, Jean Marie Goulemot, Robert Darnton, entre outros.

Palavras-chave:

textos escolares, literatura, literatura infanto-juvenil.

Durante muito tempo, o estudo e a valorização dos textos escolares foram negligenciados pelos pesquisadores em história da educação. Porém, nos últimos anos, frente aos novos objetos e com uma nova postura - marca da nova história cultural - os manuais escolares, assim como outros textos escolares, enquanto fonte e objeto de pesquisa ganharam novas abordagens.

O intuito deste trabalho é ir além da leitura dos textos escolares indicados nos programas de diversas instituições escolares (públicas e privadas), ou seja, investigar também que outras leituras eram realizadas pelos estudantes brasileiros no século XIX. Além disso, a nossa preocupação restringe-se ao universo escolar secundarista, sem, contudo esquecer que nem sempre é fácil diagnosticar a separação (em termos de leitura), do nível primário para o secundário. Para isso, o uso de memórias, diários, cartas, catálogos de editoras, anúncios na imprensa, etc., nos possibilitaram reconstituir (ainda que parcialmente) as práticas de leituras dessa época, permitindo uma maior compreensão do que liam efetivamente os estudantes.

Para o estudo dos textos escolares indicados pelos colégios, adotamos a análise de duas instituições: o Colégio Pedro II, modelo e paradigma para as demais instituições, relativo a esse estabelecimento utilizamos os dados fornecidos pelos

programas de 1856, 1862 e 1878. A outra instituição foi o Liceu D. Afonso, depois denominada Ateneu Rio-Grandense, da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, os programas analisados foram: 1851, 1859 e 1872.

Embora durante muito tempo os estudos tenham se debruçado mais nos aspectos políticos da evolução dos sistemas escolares, aos poucos sob o influxo de novas correntes teóricas, os pesquisadores descortinam ricas investigações sobre a cultura escolar vivida e produzida no interior da escola. A história da educação, assim como a sociologia do currículo, como esclarece Hébrard (2002: 35) têm demonstrado o papel relevante dos sistemas educativos "como dispositivos complexos de seleção e transformação de saberes".

De acordo com Chervel (1990), desde o fim do século XIX em relação ao ensino médio, discutiam-se quais disciplinas eram necessárias na formação dos jovens. Durante largo período, o conjunto dessas disciplinas esteve ancorado num currículo humanístico, alicerçado principalmente no estudo do latim, grego, línguas e retórica. Esses saberes eram considerados como fundamentais para a formação das elites. Essa apreensão ocorria por intermédio dos clássicos.

O século XIX, entre outros aspectos, constitui-se num período histórico balizado pelo desenvolvimento do parque editorial gráfico, e a consolidação de um sistema de produção e circulação de livros, onde os textos didáticos alcançam certa relevância, fruto de um processo de escolarização no mundo ocidental. Verifica-se no contexto brasileiro, o surgimento de editoras nacionais, ocasionando uma política gradual de nacionalização do livro.

O comércio livreiro no Brasil.

No século XIX, a influência francesa fazia-se presente nas elites brasileiras. Grande parte da edição, distribuição e circulação de livros e revistas no país, cabia aos franceses. Nesse período, as livrarias multiplicam-se constantemente na Corte, demonstrando a existência de um público ávido de novidades. Em 1851, o Rio de Janeiro já possuía 13 livrarias, quase todas situadas na Rua do Ouvidor e da Quitanda. Em 1859, de acordo com o Almanaque Laemmert, estavam estabelecidas 16. (HALLEWELL, 1985).

Representativo dessa cultura eram as diversas livrarias francesas estabelecidas no Brasil. A Rua do Ouvidor, centro cultural do Rio de Janeiro congregava diversas delas, todas imbuídas de certo aspecto parisiense. Lembravam a Rua Vivienne de Paris. Nas "Memórias da Rua do Ouvidor", o romancista e historiador Macedo (1878: 238), descreve as diversas livrarias: a de Villeneuve; a Garnier; a Cremière; e a Firmin Didot. Ainda faz referência a algumas livrarias nacionais, salientando também o papel desempenhado pelos alfarrabistas, entre esses, Albino Jordão que: "vendia em geral obras já usadas, livros de segunda mão, e portanto baratíssimos". Um público consumidor desses "livros de segunda mão", eram os estudantes do Colégio de Pedro II.

Outra livraria importante era a de Louis Mongie: "a sua livraria muito rica de obras vendidas a preço que não o prejudicava [...] foi preciosa fonte de civilização, e era freqüentado pelos homens de letras e pelos cultivadores das ciências, que achavam nela os melhores livros de publicação recente". A loja de Mongie, segundo Macedo (1878: 301): "foi a mais considerável do seu tempo".

Das livrarias estabelecidas no Brasil no século XIX, a Garnier, e a Laemmert tiveram uma relevância na publicação, venda e circulação de livros. Localizada na Rua do Ouvidor, a Garnier teve um papel fundamental na edição de livros, mormente quando Baptiste Louis Garnier, resolveu transferir-se para o Brasil em 1844. Além de competência, organização e conhecimento do ramo, B. L. Garnier, como ficou conhecida, editava e vendia de tudo.

Quanto à Laemmert, estabelecida no Brasil antes da Garnier, teve a sua origem na agência conjunta aberta por Bossange e Aillaud em 1827. Funcionário dessa casa na França, Eduard Laemmert é enviado ao Brasil para em conjunto com Souza representante da J. P. Aillaud, abrirem uma filial no Rio de Janeiro. Terminando o contrato dessas firmas em 1833, Eduard Laemmert por conta e risco permanece no país. Vindo a casar com uma distinta moça de família rica, e usando suas modestas economias, funda a sua própria livraria, a Livraria Universal Laemmert. Em 1838, em sociedade com o seu irmão Heinrich, rebatiza a firma com o nome de E. & H. Laemmert. De acordo com Kidder e Fletcher (1941: 291), a tipografia mais adiantada é a dos irmãos Laemmert, na Rua dos Inválidos.

Quais obras? Quais autores estariam sendo editadas para as escolas brasileiras? O que estaria sendo publicado de textos literários para serem lidos pelos jovens? Em petição encaminhada ao gabinete do Ministério do Império, Garnier declarava que: "tem sido o editor da maior parte das obras científicas, literárias e elementares da instrução pública que existem no país, além de muitos autores de diversas obras e compêndios para a instrução pública". (HALLEWELL, 1985: 125).

Que livros didáticos seriam esses? Sabe-se que os primeiros livros escolares brasileiros foram impressos pela Impressão Régia: Elementos de Álgebra de Euler (1809); Elementos de Geometria de Adrien Marie Legendre (1809), ambos traduzidos do francês por Manoel Ferreiro de Araújo Guimarães; Tratado de Aritmética de Lacroix (1810), traduzido por Silva Torres; Elementos de Álgebra de Lacroix (1812), traduzido por Francisco Correia da Silva Torres; Elementos de Geometria descritiva extraídos da obra de Monge (1812), por José Vitorino dos Santos e Souza; Compêndio de matéria médica, por José Maria Bomtempo (1814). Houve com certeza outros, mesmo assim em número modestíssimo. (HALLEWELL, 1985).

A quase exclusividade dos livros didáticos editados estava voltada para o ensino superior. Quanto à instrução secundária, ainda constituída mais por "aulas avulsas" e alguns poucos seminários, quase nada era publicado. Em 1850, Kidder e Fletcher, perceberam em sua visita ao Brasil a "grande falta de livros didáticos", e os poucos que existiam não estavam adaptados à realidade local. Um dos desejos deles era: "contemplar bons compêndios nas mãos das crianças brasileiras" (1941: 278).

Com as publicações da Garnier e Laemmert essa realidade aos poucos começa a mudar. Diversos foram os livros didáticos editados por essas duas firmas, incluindo aí manuais, compêndios, seletas, gramáticas, dicionários, textos infanto-juvenil, etc. Além disso, conforme leitura de seus catálogos, essas duas casas distribuíam por todo o Brasil uma variada gama de livros além dos já referendados livros didáticos, tais como: romances, poesias, livros técnicos, religiosos, revistas, tanto em português, como em outras línguas.

Entre os diversos livros didáticos, salientamos da Garnier:

Anexo 01

Por sua vez a Laemmert não ficava atrás:

Anexo 02.

Uma leitura do Catálogo da Editora Garraux de 1883 demonstra como essas casas editoriais dominavam o mercado livreiro. Parte do catálogo denominada "Seção portuguesa" conta aproximadamente com 7.500 itens, dos quais 50% trazem sinetes editoriais do Rio de Janeiro. Destes, as publicações da Garnier constituem quase a metade e as da Laemmert pouco mais de um terço. Temos depois Serafim José Alves com 6%, e Nicolau Alves com 4%. Outras firmas que aparecem: Guimarães, Leuzinger, Cruz Coutinho e J.P. Pereira Dias, contam com cerca de 2% cada uma. (HALLEWELL, 1985: 165).

Os programas escolares e o uso dos manuais

O papel atribuído aos estudos secundários, no século XIX, vistos quase que exclusivamente como cursos preparatórios para o ingresso nos cursos superiores, levavam a organização dos programas a voltar-se a preparar adequadamente os jovens para as Faculdades.

No Brasil, com exceção do Colégio Pedro II, onde o ingresso era automático, os demais estabelecimentos, tanto públicos como particulares, procuravam adequar-se ao que era requerido pelas bancas examinadoras. Os conhecimentos cobrados, isto é, as "disciplinas-saber" exigidas tanto para os Cursos Jurídicos, como Médicos, em 1832, eram: "saber latim, qualquer das duas línguas, francesa ou inglesa, filosofia racional e moral, aritmética e geometria" (MOACYR, 1936: 402).

Posteriormente, por influência das reformas decretadas por Couto Ferraz (1854), ampliaram-se as "disciplinas-saber" requeridas para matrícula nos cursos superiores. Para medicina, por exemplo, exigiam: latim, francês, inglês, filosofia racional e moral, história e geografia, aritmética, geometria e álgebra. Desse modo, limitavam-se as Províncias, tanto nos poucos Liceus, como nos diversos Colégios, a oferecer as disciplinas fixadas nos estatutos dos cursos superiores. Afinal seriam essas as cobradas nos exames.

Uma leitura atenta dos diversos programas[1] do Colégio Pedro II, como dos colégios e liceus, demonstra a supremacia das humanidades no currículo escolar no século XIX. Ao longo dos anos, o latim pontuava com a maior carga horária, os estudantes eram constantemente obrigados a estudarem, lerem e traduzirem textos de autores como: César, Cícero, Tácito, Virgílio, Ovídio, Horácio, etc.

As indicações dos programas escolares nos permitem visualizar um amplo panorama de autores lidos (total ou parcialmente) pelos estudantes. Nossa preocupação é arrolar os autores de obras literárias. Apenas serão indicados aqueles manuais que contemplem trechos de autores literários (caso de algumas Crestomatias, Seletas, Parnasos, etc.). Nossa opção de selecionar os programas de ensino do Colégio Pedro II relativos aos anos de 1856, 1862 e 1878, deve-se ao fato de serem os anos mais próximos dos diversos programas do Liceu D. Afonso, pertinentes aos anos de 1851, 1859 e 1872. Esse fato nos permite cruzar e analisar as leituras realizadas na Corte, bem como numa Província do Brasil.

Pelo levantamento podemos perceber que os principais autores estudados pelos alunos do Colégio de Pedro II eram[2]: Programa de 1856: Fenelón: Telemaque

(trechos escolhidos à vontade do professor); Fables Choises; La Fontaine; Goldsmith (History of Rome); Cornelius Nepos; Bossuet; Theatre Classique; Cesar; Ovídio; Milton (trechos escolhidos); Salustio; Virgílio; Cícero; Xenofonte; Tito Lívio; Luciano; Schiller; Tácito; Horácio (Odes e Arte Poética); Heródoto; Goethe. Programa de 1862: Filon (Nouvelles narrations françaises); Murray (English spelling book); Ovídio (Metamorfose, Tristes); Charles André (Cours de Literature française); Caetano Lopes de Moura (Harmonias da criação). Programa de 1878: Fénelon (Les Aventures de Télémaque); Chateaubriand (Génie du Christianismo); Magalhães (Suspiros poéticos); Rebelo da Silva (Fastos da Igreja); Garret (Da educação); Goldsmith (The Vicar of Wakefield); Defoe (Robinson Crusoe); Schiller (Guilherme Tell; Maria Stuart); Goethe (Iphigenia).

Por sua vez o Liceu D. Afonso (posteriormente denominado Ateneu Rio-Grandense), indicava para o Programa de 1851: Tito Lívio; Virgílio; Horácio; Les Aventures de Telemaque; Racine; The Adventures of Telemakus. Programa de 1859: Fábulas de Phedro; Cornelius Nepos; Tácito; Tito Lívio; Cícero; Cesar; Salústio; Virgílio; Horácio; Ovídio; Milton; Fénelon; La Fontaine; Racine; Chateaubriand; Schiller (Maria Stuart). Programa de 1859: Morceaux Choises de Chateaubriand; Lusíadas de Camões; Eutrópio; Cornélio Nepos, Cesar; Charles André; Salústio; Tito Lívio; Ovídio (Tristes); Virgílio (Eneida); Tácito (Anais); Cícero; Horácio; Juvenal; Virgílio.

Embora o domínio do latim fosse incontestado, o estudo das línguas vivas compunha, junto com a história e geografia, assim como da filosofia, retórica e literatura, a base "humanista" que os estudantes da época não podiam prescindir. As diversas memórias de estudantes reforçam esse contexto.

Lendo além do currículo escolar

As lembranças perpetuadas pelos escritores são ricas de relatos sobre o que liam os jovens estudantes brasileiros no século XIX. As marcas e pertinências dos livros de leituras, das antologias, das seletas, reverberavam certamente em seus gostos, interesses e desejos, obras como a de Felisberto de Carvalho despertavam curiosidade e aguçavam a busca de novos textos, como recordava Campos (1954: 202):

[...] quero me referir, aqui, à influência que exerce sobre o gosto do aluno, e sobre o desenvolvimento da sua inteligência, o aspecto material de um livro de instrução. Eu tenho, por exemplo, a mais risonha recordação dos livros de Felisberto. Eram amplos e claros. As letras, as sílabas, as palavras, não se aglomeram neles, como nos outros autores.

Por sua vez, Taunay, estudante do Colégio Pedro II lembrava que além do Epítome de História Sagrada do Lhommond, estudavam diversos autores latinos, precisando verter seguidamente trechos para o português; para tanto utilizavam o "Magnum Lexicon"[3]. Embora árduo e muitas vezes cansativo essa formação inicial, Taunay não deixou de lembrar que paralelamente deliciava-se com outras leituras:

Para mim começara este furor de leitura desde fins de 1852, causando-me a primeira novela que me interessei verdadeiro deslumbramento - Ivanhoé, de Walter Scott. Aquilo se me afigurou estupendo, sublime e, como tinha a possibilidade, quando ia com meu pai ao Engenho Novo, de trazer de lá livros, não havia como faltar-me. Assim da biblioteca do tio Beaurepaire tirei o Judeu Errante, oito grossos

voluminhos, edição de Bruxelas, que devorei sem parar. Também em extremo apreciei uma contrafação de Walter Scott - Aymé Verd - e estes três romances foram os primeiros de que tomei conhecimento naqueles anos de 1852 e 1853. (1948: 39).

Foto 1

Relembra que sendo meio pensionista, permanecia "no colégio todo o dia, tendo aulas das nove horas ao meio-dia, recreio e jantar, além de sala de estudo do meio-dia as quatro. Dessa hora até as seis novas aulas". Mesmo assim, encontrava tempo para ler: "com que impaciência devorei os seis volumes das Mil e Uma Noites e o Robinson Crusóé". E acrescentava: "também sobremaneira me deleitava a bela edição de D. Quixote". Junto de seu pai, se deliciava de ouvi-lo discorrer sobre os grandes clássicos do século de Luis XIV, Boileau, Molière, Racine e Corneille. "Fábulas de La Fontaine, então, as sabia às dezenas" (1948: 67).

Foto 2

Em suas memórias Bello, recordava seu velho professor que era apaixonado por Chateaubriand, declamando seguidamente trechos dos Mártires e de Atala. "Citava-nos também como perfeito modelo da prosa a doce cadência dos primeiros períodos de Telêmaco, de Fénelon: 'Calipso ne pouvait pas se consoler du départ d'Ulisses...'". (1958: 24).

Enquanto jovem, a única possibilidade de fuga dos "chatos", "pesados" e "indigestos" manuais, era não apenas refugiar-se nas obras literárias, mas conjuntamente com elas, valer-se da imaginação era uma das estratégias:

As primeiras leituras de Júlio Verne alargavam-me por mundos exóticos ou ignotos a curiosidade ecumênica. Como seria a China, o fundo dos mares, o centro da Terra, a Lua? Creio que por aquela época, li também as Viagens de Gulliver e Robinson Crusóé, em edições populares: novos convites ao insaciável viajante... Não mais contente com as terras desconhecidas, descobria, pequeno discípulo do herói de Defoe, novas águas desertas do Pacífico. Batizava-as, povoava-as, civilizava-as... (BELLO, 1958: 25).

Na Província do Rio Grande do Sul, Aquiles Porto Alegre lembra em diversas crônicas publicadas ao longo dos anos, aspectos da vida estudantil:

Mme. Marcus. Conheci-a estabelecida com livraria no pavimento térreo da Rua de Bragança, à esquina da Alegria. Eu era seu vizinho, e, amante dos livros, muitas vezes visitei a sua livraria, que, valha a verdade, não passava de um modesto "sebo". A Livraria de Madame Marcus era muito freqüentada por estudantes, que iam lá mais para vender que para comprar livros. O velho Dumas e Ponson du Terrail eram os seus autores do peito, sem deixar de ler todos os demais romancistas que tocavam pelo mesmo pito (1921: 91-92).

Foto 3

Certas práticas culturais do século XIX ainda permaneciam na lembrança de Aquiles, "tempos de criança" na expressão do memorialista. Tempo em que a

cidade onde nasceu "não passava de uma povoação da roça, sem hidráulica, sem iluminação, sem bondes e sem esgotos". Tempo em que a cidade de Porto Alegre não tinha telégrafo, e a estrada de ferro era apenas conhecida pelas gravuras das "revistas e dos livros ou por meio dos vidros de aumento da lanterna mágicas" (1922: 69). Certas práticas de leitura ainda estavam arraigadas nos hábitos e costumes:

Por esse tempo, ao cair da noite, quando o sino anunciava o toque das Trindades, cada um recolhia-se à sua casa para deitar com as galinhas. Antes, porém, de se enfiarem debaixo dos lençóis, o marido lia, sentado à cabeceira da mesa, uns capítulos de Dumas, Eugene Sue e Ponson du Terrail, então em voga, enquanto a mulher a seu lado, fazia crochet e os filhos quietos estudavam as lições para o dia seguinte. Estudava-se de verdade, com um ou outro livro. Não se ia para a escola levando debaixo do braço uma prateleira de livraria que custou os olhos da cara dos pais (1922: 70).

Quando aluno do Colégio Marinho, que funcionava na Corte, Salvador de Mendonça (1841-1913), registrava em suas reminiscências escritas em 1907, as recordações do distante ano de 1853:

No meu tempo de colegial, terminadas as primeiras letras, o menino, dos oito aos quatorze anos, entregava-se ao estudo da primeira parte de Humanidades a que se dava a denominação de Disciplinas. Começava-se pelo Latim, a artinha, a arte maior, a sintaxe do Dantas; os prosadores de Eutrópio a Tácito; os poetas, de Fedro a Horácio, tudo pelas obras grandes. Em seguida, durante mais quatro anos, o estudo das Matemáticas Elementares, principalmente o da Geometria de Euclides e o da Lógica do Genuense, era tudo feito em latim. Depois de avigorado o espírito da criança com o estudo da literatura dessa raça forte e conquistadora, da Geometria e da Lógica, estava ela de posse, por assim dizer, do esquadro e do compasso, com que levantasse os sólidos alicerces da sua educação. Em três anos mais, completava-se esse edifício com o estudo das línguas vivas, da Geografia e da História, da Filosofia e da Retórica. (*apud* MENDONÇA, 1960: 273).

Em 1871, o estudante Alberto Coelho da Cunha, recebe uma carta de Recife:

Eu vivo num completo marasmo, nada faço, nada escrevo; só me ocupo em ler. Tomei gosto pela literatura antiga. Já cansado dos adultérios, dos crimes, dos enjoativos enredos da nossa literatura contemporânea, procurei um lenitivo do ceticismo, em que me lançavam aquelas leituras, na literatura dos tempos áureos de Roma e Grécia. Até agora só tenho lido historiadores. Li Tácito e estou lendo Plutarco. Achei que Tácito merece o epíteto de 'ferro em brasa' do despotismo, que lhe dá Victor Hugo; mas parece-me que aquele grande gênio circunscreveu a sua força na descrição demasiadamente detalhada dos acontecimentos dos reinados de Tibério e Nero os únicos completos.

Plutarco não tem a mesma força nem como historiador nem como filósofo; é menos verídico e mais condescendente. Porém a todos os respeitos transparece o homem de bem e a sua admiração ingênua e mesurada dos grandes caracteres, que contorna, é a mais convincente prova da sua grandeza. Sente-se a gente transportada aos tempos heróicos de Scipões, dos Catões e Aristides. Escreve-me sempre e conta-me os teus pensamentos. Adeus. Teu amigo, Bertino. Recife, 14.07.1871.

A análise das diversas lembranças perpetuadas pelos escritos relativas ao tempo de colégios nos permite apontar que muito além dos textos indicados para uso de sala

de aula, os estudantes liam outros textos, alguns complementares a sua formação, outros no intuito de fruição, deleite e prazer.

Arrolamos abaixo diversas obras infanto-juvenis, ou adaptadas a esse universo que circulavam no Brasil durante o século XIX. A amostragem não tem por objetivo esgotar o que circulava, mas sim dentro do possível mapear e identificar as principais casas editoriais, o país de origem, e quando possível as obras traduzidas e o nome do tradutor. A localização dessas obras foi realizada consultando catálogos, almanaques, acervos públicos e particulares.

Anexo 03

Por esse levantamento é possível constatar que grande parte das obras publicadas nas primeiras décadas do século XIX eram editadas na França. A partir da década de 40, paulatinamente aumenta a participação portuguesa. Textos editados no Brasil, somente nas últimas décadas do século XIX, caso de Júlio Verne, traduzido e publicado pela Garnier. Anteriormente podemos apontar o papel desempenhado pelas tipografias de jornal, que em folhetins publicavam autores populares. Foi possível localizar esse tipo de publicação em duas cidades (Rio Grande e Pelotas) no Rio Grande do Sul. Com certeza esse tipo de constatação indica que outras cidades provavelmente estivessem publicando folhetins, mormente os grandes centros.

Foto 4 e 5

Ao longo do século XIX intensificou-se um processo pedagógico, em termos de ensino e leitura. A prática da leitura ficará submetida a novos métodos e princípios científicos. A produção e circulação de livros voltados ao público infanto-juvenil tende a aumentar, assim como aos poucos as editoras nacionais vão monopolizando o mercado editorial. Do mesmo modo, cada vez mais as edições são publicadas na língua vernácula, caso de autores como Dumas, Verne, Terrail, embora a maioria deles por casas editoriais de Portugal. Também ocorre um processo de tradução e adaptação de textos clássico para os jovens leitores, exemplar foi o papel desempenhado pelo professor do Colégio Pedro II, Carlos Jansen, talvez o grande nome na divulgação da literatura infanto-juvenil no Brasil.

Referências bibliográficas

ARRIADA, Eduardo. A Educação Secundária na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul: a desoficialização do ensino público. PUC, Porto Alegre, dezembro de 2007. [Tese de Doutorado].

BELLO, José Maria. Memórias. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1958.

CAMPOS, Humberto de. Memórias (1886-1900). Rio de Janeiro: Jackson Editores, 1954.

CATÁLOGO de B. L. Garnier. Nº 23. Rio de Janeiro: B. L. Garnier Livreiro-Editor, 1870. [01-32].

CHERVEL, André. História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. In: *Teoria & Educação*. Porto Alegre: n.º. 2, 1990. [177-229].

CHOPPIN, Alain. O historiador e o livro escolar. In: História da Educação. Vol. 6. Nº 11. Pelotas: ASPHE; FAE/UFPEL, abril de 2002. [05-24].

CUNHA, Alberto Coelho da. Correspondência passiva. 1871. [Arquivo Eduardo Arriada].

HALLEWELL, Laurence. O Livro no Brasil. São Paulo: T. A. Queiroz, 1985.

HÉBRARD, Jean. Três figuras de jovens leitores: alfabetização e escolarização do ponto de vista da história cultural. In: ABREU, Márcia (Org.). *Leitura, história e história da leitura*. Campinas: Mercado das Letras; São Paulo: FAPESP, 2002.

KIDDER, D. P. e FLETCHER, J. C. O Brasil e os Brasileiros: esboço histórico e descritivo. 2 vol. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1941.

MACEDO, Joaquim Manoel de. Memórias da Rua do Ouvidor. Rio de Janeiro: Typographia Perseverança, 1878.

MENDONÇA, Carlos Sússekind de. Salvador de Mendonça: democrata do império e da República (Biografia). Rio de Janeiro: INL/MEC, 1960.

MOACYR, Primitivo. A instrução e o império. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1936.

PORTO ALEGRE, Aquiles. Jardim de Saudades. Porto Alegre: Wiedemann & Cia, 1921.

_____ Paisagens Mortas. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1922.

TAUNAY, Visconde de. Memórias. São Paulo: Instituto Progresso Editorial, 1948.

VECHIA, Ariclê; LORENZ, Karl Michael (Org.). Programa de ensino da escola secundária brasileira: 1850-1951. Curitiba: Edição do autor, 1998.

[1] Para este estudo foram utilizados os programas do Colégio Pedro II, retirados da obra: VECHIA; LORENZ. Para o Liceu, foram utilizados os programas do Liceu D. Afonso, anexo ao trabalho de ARRIADA.

[2] Optamos pela grafia da época.

[3] *Magnum Lexicon novissimum Latinum et Lusitanum*. Emmanuelis Pinii Cabralii. Paris: J. P. Aillaud, 1849.

IVANHOE,
OU
O REGRESSO DO CRUZADO,

FOR
SIR WALTER SCOTT,

VERTIDO EM PORTUGUEZ

FOR
E. P. DA CAMERA.

TOMO I.



PARIS,
NA LIVRARIA PORTUGUEZA DE J. P. AILLAUD,
II, QUAI VOLTAIRE.

1857.

AS MIL
E UMA NOITES

CONTOS ARABES

Traduzidos em francez por Galland
e vertidos em portuguez

NOVA EDIÇÃO

Cuidadosamente revista e emendada,
e adornada de muitas gravuras

TOMO I



RIO GRANDE DO SUL

—
Livraria de DANIEL DE BARROS E SILVA

86, Rua Pedro II, 86

1882

J. P. ...

OS TRES
MOSQUETEIROS.

TRADUCCÃO LIVRE

NOVA EDIÇÃO

PUBLICADO POR L. C. DA CUNHA.


TOMO I.


LISBOA

NA TYPOGRAFIA DE LUIZ CORREA DA CUNHA,
COSTA DO CASTELLO N.º 15.

—
1859.

no 12,00

D. QUIXOTE DE LA MANCHA.

REDIGIDO PARA A MOCIDADE BRASILEIRA, SEGUNDO
O PLANO DE F. HOFFMANN,

Boerchio

POR

CARLOS JANSEN,

DO COLLEGIO D. PEDRO II.

EDIÇÃO DE LUXO, ADORNADA COM ESPLENDIDOS CHROMOS.



RIO DE JANEIRO. — S. PAULO. — RECIFE.

LAEMMERT & C.,
EDITORES-PROPRIETARIOS.

Dom Quixote



Anexo 01

Autor	Título	Ano	Observações
João Batista Calógeras	Compêndio da História da Idade Média	1859	Dois tomos. Adotado pela Comissão da Instrução Pública.
Antonio de Castro Lopes	Novo systema para estudar a língua latina	1859	2ª edição. Obra adotada nos estabelecimentos públicos de Instrução Secundária.
Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro	Episódios da História Pátria contados à Infância	1859	
Antônio Maria Barker	Parnaso Juvenil ou poesias morais colecionadas, adaptadas e oferecidas à mocidade	1860	5ª edição
Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro	Curso Elementar de Literatura Nacional	1862	
Joaquim Manoel de Macedo	Lições de História do Brasil para uso das escolas de instrução primária	1864	
Felipe da Motta d'Azevedo Correa	Chave dos exercícios da Gramática Prática da Língua Inglesa	1870	
Joaquim Maria de Lacerda	Primeiros Elementos de Geografia destinados para uso das escolas brasileiras	1870	
Monsenhor Daniel	Curso de História Universal (Contemporânea)	1871	Traduzido e continuado até os nossos dias por Joaquim Maria de Lacerda
Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro	Episódios da história pátria contados à infância	1872	7ª edição. Obra adotada pelo Conselho Diretor da Instrução Pública
Antonio Pereira de Figueiredo	Novo methodo de Grammatica Latina	1872	Para uso das escolas da Congregação do Oratório. Novíssima Edição melhorada e consideravelmente aumentada pelo Presbítero Francisco Rodriguez dos Santos Saraiva.
Victor Duruy	Compêndio da História Universal	1873	3ª edição, tradução do Cônego Francisco Bernardino de Souza
Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro	Postilas de Retórica e Poética ditadas aos alunos do Imperial Colégio de Pedro II	1877	
Joaquim Manoel de Macedo	Lições de Corografia do Brasil para uso dos alunos do Imperial Colégio D. Pedro II	1877	
P. Sadler	Gramática Teórica e Prática da Língua Inglesa ou Método Fácil para aprender a língua inglesa	1878	2ª edição, acomodada ao uso dos que falam a língua portuguesa por Jacinto Cardoso da Silva.
Corinne Coaracy (Organised by)	A Selection of Chose Passagens from Longfellow's: poetical works	1879	
L. A. Burgain e seu filho J. A. Burgain	Novíssimo Guia de Conversação em Francês e Português	1884	4ª edição

Anexo 02

Autor	Título	Ano	Observações
	Selecta Latini Sermonis exemplaria	1845	Tradução portuguesa
Luiz Antônio de Burgain	Novo Método Prático e Teórico da Língua Francesa	1849	
Cristiano Benedito Ottoni	Elementos de Aritmética	1852	
Cristiano Benedito Ottoni	Elementos de Geometria	1862	2ª edição
Emilio Sevene	Nova Gramática Francesa	1859	Dois tomos. Gramática (I); Exercícios (II)
José Feliciano de Castilhos Barreto e Noronha	Iris Clássico coordenado e oferecido aos mestres e aos alunos das escolas brasileiras	1864	5ª edição

Pedro Parley (Pseudônimo de Samuel Goodrich)	História universal Resumida para uso das escolas dos Estados Unidos da América do Norte	1869	Traduzida para uso das escolas do Brasil pelo Desembargador Lourenço José ribeiro e adotada para ensino das escolas públicas da corte e do município do Rio de Janeiro, e muitos colégios do Império.
Novas Lições de Geografia Elementar sem decorar, por meio de exercícios	Luiz Antônio Burgain	1870	3ª edição
José Pedro Xavier Pinheiro	Epítome da História do Brasil desde o seu descobrimento até a conclusão da Guerra do Paraguay	1873	5ª edição
Adão Hoefer	Gramática da Língua Francesa	1882	Arranjada segundo o Método Ollendorff
Eduardo Frederico Alexander	Novíssima Gramática da Língua Alemã	1886	Traduzida e adaptada a Língua Portuguesa do método teórico e prático de Emilio Otto
Raul Villa-Lobos	História do Brasil (Resumo Didático)	1896	4ª edição. Ornada com 21 gravuras
Raul Villa-Lobos	Noções de Cosmografia (Resumo Didático)	1897	2ª edição. Ornada de 27 gravuras

Anexo 03

Autor	Título	Local	Editora	Ano	Observações
Walter Scott	Ivanhoe ou o regresso do cruzado	Paris	Livraria Portuguesa de J. P. Aillaud	1837	Tradução de E. P. Câmara. 4 tomos.
Walter Scott	O Talisman ou Ricardo na Palestina	Paris	Livraria Portuguesa de J. P. Aillaud	1837	Tradução de Caetano Lopes de Moura. 3 tomos.
Fenelon	Aventuras de Telemaco	Paris	Livraria Europea de Baudry	1837	Edição bilíngüe. Tradução de Manuel de Sousa e Francisco Manuel do Nascimento. Retocada por José da Fonseca. 2 tomos.
Chateaubriand	Os Natchez: história americana	Paris	Livraria Portuguesa de J. P. Aillaud	1837	Tradução de Caetano Lopes de Moura. 4 tomos.
	Aventuras maravilhosas de Lazarillo de Tormes	Paris	J-P. Aillaud	1838	Extraídas das antigas crônicas de Toledo por G. F. Grandmaison y Bruno. Traduzidas da língua francesa.
Fenimore Cooper	O piloto: novela marítima	Paris	Livraria Portuguesa de J. P. Aillaud	1838	Tradução de Caetano Lopes de Moura. 4 tomos.
Victor Hugo	Bug-Jargal: novela historica	Lisboa	Na Impressão de Galhardo e Irmãos	1843	Traduzida do francês por M. E. C.
La Fontaine	Fables	Leipzig	Bern. Tauchnitz Jeune, Libraire-Éditeur	1845	La France Classique.
Walter Scotts	Ivanhoe	Paris	Baudry's European Library	1849	Coleção de antigos e modernos "British Authors.
Alexandre Dumas	O Cavaleiro d'Harmetal	Lisboa	Tipografia Rollandiana	1849	Tradução portuguesa de M. A. da Silva.. 4 tomos.
Fenimore Cooper	The Headsman or The Abbaye des Vignerons	London	Richard Bentley	1850	
Alexandre Dumas	A princesa de Monaco	Lisboa	Typ. Lisbonense de Aguiar Vianna	1855	Biblioteca universal publicada por Eduardo de Faria. 6 volumes.
Alexandre Dumas	Les Trois Mousquetaires	Paris	Michel Lévy Freres	1856	2 volumes.
Olivier Goldsmith	Le Vicaire de Wakefield	Paris	Charpentier, Libraire-Éditeur	1857	Tradução de Madame Louise Belloc. Precedido por uma notícia de Walter Scott.
La Fontaine	Fables	Tours	Mame et C., Imprimeurs-libraires	1857	Obra precedida com a vida de Esopo. Ilustrações de K. Girardet.
Alexandre Dumas	Os três mosqueteiros	Lisboa	Typografia de Luiz Correa da Cunha	1859	Tradução livre. 2 tomos.
Alexandre Dumas	Mysterios de Napolis ou	Rio Grande	Typographia do	1865	

	Uma pesca de redes		Echo do Sul		
Henrique Rivière	O assassino de Albertina Renouf	Rio Grande	Typographia do Diário	1865	
Paulo de Kock	Um homem atribulado	Lisboa	Typographia de Salles	1868	Editor e tradutor J. A. Xavier de Magalhães.
Paulo de Kock	O Burro do Senhor Martinho	Lisboa	Typographia de Salles	1868	Editor e tradutor J. A. Xavier de Magalhães.
Bernardin de Saint-Pierre	Paul et Virginie	Tours	Alfred Mame et Fils, Éditeurs	1870	17ª edição.
Ponson Du Terrail	A Corda do Enforcado	Porto/Braga	Livraria Internacional de Chardon	1873	Rocombole (Novo e Último Episódio). 2 tomos. Tradução de Gualdino de Campos.
Luis de Camões	Os Lusíadas	Paris	Vª J-P. Aillaud, Guillard e Cª.	1873	Correta e dada a luz por Paulino de Souza.
Julio Verne	Miguel Strogoff ou O Correio do Czar	Rio de Janeiro	B. L. Garnier	1876	Traduzido por Fortunio.
Ponson du Terrail	Dragonne e Mignonne	Lisboa	Empreza Editora, Carvalho & Cª.	1876	Tradução de L. C. M.
Julio Verne	Da terra à lua	Rio de Janeiro	B. L. Garnier	1879?	Tradução de Salvador de Mendonça.
Luis de Camões	Os Lusíadas	Bruxelas	Typographia e lithographia E. Guyot	1879	Edição publicada por Abílio Borges para uso das escolas brasileiras.
	As Mil e Uma Noites: contos árabes.	Rio Grande	Livraria de Daniel de Barros e Silva	1882	Traduzidos em francês por Galland e vertidos em português. Adornada com gravuras. 2 tomos.
Carlos Jansen	Contos Seletos das Mil e Uma Noites	Rio de Janeiro	Laemmert & Cia.	1882	Edição ilustrada e colorida.
Octave Feré	A abadia de Santo André	Pelotas	Typ. do Onze de Junho	1883	Tradução de Alfredo Ferreira Rodrigues.
Henrique Perez Escrich	O amigo íntimo	Pelotas	Typ. do Onze de Junho	1883	Tradução de J. Cruzeiro Seixas.
Henrique Perez Escrich	Noites amenas: quem tudo quer tudo perde	Pelotas	Typ. do Onze de Junho	1883	Tradução de Julio Gama.
Julio Verne	A Escola dos Robinsons	Rio de Janeiro	B. L. Garnier	1883	Tradução de J. M. Vaz Pinto Coelho.
Fenelon	Les Aventures de Télémaque	Tours	Alfred Mame et Fils, Éditeurs	1884	
Carlos Jansen	Robinson Crusóé	Rio de Janeiro	Laemmert & Cia.	1885	Edição ilustrada e colorida.
Carlos Jansen	Dom Quixote	Rio de Janeiro	Laemmert & Cia.	1887	Edição ilustrada e colorida. Redigido para mocidade brasileira segundo plano de Hofmann.
Carlos Jansen	As Viagens de Gulliver a terras desconhecidas	Rio de Janeiro	Laemmert & Cia.	1888	Edição ilustrada e colorida.
Carlos Jansen	Aventuras Maravilhosas do Celeberrimo Barão de Munchhausen	Rio de Janeiro	Laemmert & Cia.	1891	Edição ilustrada e colorida.